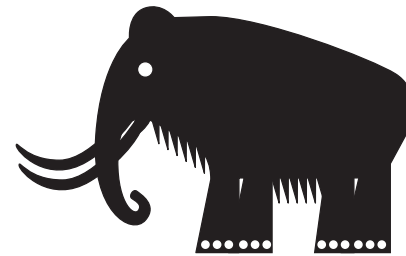




SIBÉRIA

olivier  
rolin  
sibéria



Prefácio de Carlos Vaz Marques  
Tradução de Isabel St. Aubyn

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

L I S B O A :  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V I

## ÍNDICE

© 2016, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Sibérie*  
© Olivier Rolin  
Originalmente publicado pelas éditions inculte, Paris, 2011.

Título: *Sibéria*  
Autor: Olivier Rolin  
Tradução: Isabel St. Aubyn  
Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão e composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Março de 2016

ISBN 978-989-671-301-0  
Depósito Legal n.º 404764/16

PREFÁCIO, por Carlos Vaz Marques	9
<i>O nome da Sibéria</i>	13
IRKUTSK — VLADIVOSTOQUE	20
<i>A jovem de Irkutsk</i>	25
<i>Prosa transiberiana</i>	37
<i>Tu não viste nada em Vladivostoque</i>	49
DE KHATANGA AO PÓLO NORTE	57
<i>Os pássaros da tundra falam espanhol</i>	61
<i>Um cheiro a elefante num dia de chuva</i>	71
<i>«A vida no pólo é de uma triste uniformidade»</i>	81
MAGADAN	91
<i>Desembarcadouro do inferno</i>	95
NOTA BIOGRÁFICA	109

## PREFÁCIO

Qualquer viajante conhecerá esta verdade elementar: o mundo é simultaneamente demasiado grande e demasiado pequeno. Questão de escala.

Percebe-se na aventura literária de Olivier Rolin o desejo inquieto de alargar os seus próprios limites: «Afastarmo-nos das origens, distanciarmo-nos tanto quanto possível dos lugares habituais, faz parte das ambições honrosas.» Não se trata apenas, no entanto, de «honra» no sentido convencional do termo. Trata-se, acima de tudo, de procurar uma revelação íntima que, é convicção do escritor, só a lonjura proporciona: «Quanto mais estranhos formos, mais nos arriscamos a ser ‘verdadeiros’.»

A Sibéria, «o alto-mar em terra», é a metáfora perfeita da distância. Olivier Rolin chega mesmo a propor a palavra «solidão» para caracterizar este território que «não é ‘província’ nem ‘campo’, é um continente».

A inclemência meteorológica acompanha, como inevitável pano de fundo, as sucessivas viagens relatadas neste livro. Mas até essa condição pode ser surpreendentemente

relativizada, como acontece a páginas tantas quando somos levados à presença de Vladimir Ivanovitch Eisner, «uma personagem magnífica deste fim de mundo»: «Fui duas ou três vezes à Alemanha» — conta o escritor e caçador cujas feições levam Olivier Rolin a recordar Soljenitsyne — «mas o clima é muito brando, chove, não há neve. Depois de algumas semanas, sinto-me farto.»

A memória de Alexandre Soljenitsyne, ainda que evocada de relance, é absolutamente justificada. Foi ele que alertou o mundo, no princípio dos anos setenta do século xx, para o famoso arquipélago de Gulag. Antes dele, porém, Varlam Chalamov, num outro testemunho bem menos famoso, já tinha registado para a posteridade o terror estalinista.

«Sibéria foi nome de Dor», escreve Olivier Rolin. Uma Dor trágica, mas hoje quase anónima, lamenta o escritor. «Toda a gente, ou quase toda a gente — e ainda bem que assim é —, conhece o nome de Auschwitz. Mas quem associa o nome de Kolimá a uma gigantesca máquina de aviltar e matar? Que escolas o ensinam? [...] Não se trata de ‘comparar’ campos nazis e soviéticos, o próprio termo ‘comparação’ é deplorável, pelas imagens de fria avaliação que acarreta. A morte em massa não é uma mercadoria, uma coisa susceptível de ser pesada.»

O livro termina com uma visita ao «desembarcadouro do inferno». Ironicamente, esta região outrora marcada pelo horror é hoje o «coração de ouro da Rússia», símbolo de prosperidade e lucro rápido. «O desejo de esquecer,

de apagar, é imenso, múltiplo, minucioso.» A vontade de Chalamov — «recordar primeiro o mal, e o bem depois. Recordar o bem durante cem anos, e o mal durante duzentos» — corre o risco de ficar por cumprir. A memória é um bem altamente precioso. Talvez a literatura tenha como uma das suas funções mais nobres servir de remédio à «doença do esquecimento». Também por isso se evocam tantos escritores ao longo destas páginas.

A evocação literária, que serve para dilatar o mundo, é ainda capaz, numa imagem, de condensar o tempo e o espaço. Em Vladivostoque, nos confins da Sibéria, pode de repente descobrir-se Lisboa: «Na vasta praça em frente do *karavielnaia naberejnaia*, o cais dos navios cujo nome me recorda subitamente, do outro lado do mundo, a *Ribeira das Naus* de Lisboa e de Álvaro de Campos, um gigantesco soldado de bronze do Exército Vermelho relembra a conquista da cidade, a última do império russo a cair nas mãos dos bolcheviques, em 1922.»

Depois de percorridos os quase dez mil quilómetros do Transiberiano, a maior linha férrea do mundo, é possível encontrar para lá da extraordinária vastidão algo de extremamente familiar. Como o rosto de Olga, «a jovem de Irkutsk» por quem Olivier Rolin em tempos se apaixonou «ligeiramente».

CARLOS VAZ MARQUES

## O NOME DA SIBÉRIA

NÃO É COSTUME GOSTAR-SE da Sibéria. Porém, este nome terrível tem para mim um secreto encanto. Primeiro, é bonito. Porquê? Não sei, mas é bonito. La Beauce, por exemplo, não é bonito. Rouen tão-pouco. Não pela concisão, porque Roma, por exemplo, é agradável ao ouvido do imaginário, como Vancouver, Valparaíso, Calcutá (mas também Dunquerque ou Cherburgo, não se trata apenas de uma questão de distância). Ou como Ienissei, Lena, Indigirka, Krasnoiarsk. Os que não sentem isto é porque ignoram a música das palavras. Não os vemos nas estações, nos aeroportos longínquos, divertindo-se a murmurar a litania dos destinos afixados — sendo este, todavia, um dos prazeres mais secretos e menos comuns dos viajantes. Os nomes têm uma cor, um cheiro, como acontece com os tecidos, a sua textura adapta-se ao tacto. Alguns têm a expansão das coisas infinitas. Sibéria soa bem, vasta, como o Sara. Ouço tinir o ferro, vejo brilhar o pêlo das zibelinas. Vejo uma estrela dissolver-se como sal na água negra, como num poema de

de Vassili Grossman, de nos interrogarmos sobre as palavras terríveis que Liss, o *Obersturmbannführer* do campo de concentração, dirige ao velho bolchevique Mostovskoï, em *Vida e Destino*: «Aqui, na nossa terra, estais em casa [...] Somos os vossos inimigos mortais, sim, com certeza. Mas a nossa vitória é ao mesmo tempo a vossa. Compreendeis? Se ganhardes, pereceremos, mas continuaremos a viver na vossa vitória.»

## NOTA BIOGRÁFICA

Olivier Rolin nasceu em Boulogne-Billancourt (França), em 1947. É autor de cerca de vinte livros — romances, ensaios literários e de viagens —, na sua maioria publicados em Portugal. A Rússia, por onde viajou em mais de vinte e cinco ocasiões, ocupa um lugar dominante na sua escrita.

Entre as obras do autor, destacam-se *Paisagens Originais* (2000), *Tigre de Papel* (2003), *Um Caçador de Leões* (2009) e *O Meteorologista* (2015), sobre o Grande Terror estalinista.



NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia *Annemarie Schwarzenbach*  
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia *Alberto Moravia*  
(trad. Margarida Periquito)

Paris *Julien Green*  
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão É Um Lugar Estranho *Peter Carey*  
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza *Jan Morris*  
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão *Alexandra Lucas Coelho*

Disse-me Um Adivinho *Tiziano Terzani*  
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque *Brendan Behan*  
(trad. Rita Graña)

Histórias Etíopes *Manuel João Ramos*

Na Síria *Agatha Christie*  
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem dos Inocentes *Mark Twain*  
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México *Alexandra Lucas Coelho*

Jerusalém — Ida e Volta *Saul Bellow*  
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo *Werner Herzog*  
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe *Ernesto de Sousa*

Viagem de Autocarro *Josep Pla*  
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi *Henry Miller*  
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo *Almeida Faria*

Viagem a Tralalá *Wladimir Kaminer*  
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres *Enric González*  
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América *Ferreira Fernandes*

Cadernos Italianos *Eduardo Pitta*

Um Gentleman na Ásia *Somerset Maugham*  
(trad. Raquel Mouta)

Mais Um dia de Vida — Angola 1975 *Ryszard Kapuściński*  
(trad. Ana Saldanha)

Vai Brasil *Alexandra Lucas Coelho*

Dicionário de Lugares Imaginários *Alberto Manguel e Gianni Guadalupi*  
(trad. Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos)

Hav *Jan Morris*  
(trad. Raquel Mouta e Vasco Gato)

Mi Buenos Aires Querido *Ernesto Schoo*  
(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias de Roma *Enric González*  
(trad. Rita Almeida Simões)

A Estrada para Oxiana *Robert Byron*  
(trad. Raquel Mouta)

Dália Azul, Ouro Negro *Daniel Metcalfe*  
(trad. Susana Sousa e Silva)

Era Uma Vez em Goa *Paulo Varela Gomes*

Viagem à Volta do Meu Quarto *Xavier de Maistre*  
(trad. Carlos Sousa Almeida)

Terra Nullius *Sven Lindqvist*  
(trad. Luís Mexêdo)

Histórias de Nova Iorque *Enric González*  
(trad. Raquel Mouta)

Cartas Persas *Montesquieu*  
(trad. Isabel St. Aubyn)



sibéria

*foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso na Rainbo&Neves, em papel  
Coral Book de 90 gramas,  
em Fevereiro de 2016.*